

PARA ALÉM DO TETO PROTETOR, AS ESTRELAS DO FIRMAMENTO

RELAÇÕES ENTRE ABRIGO E ABRIGADO A PARTIR DO

CONCEITO DE RUÍNA EM WALTER BENJAMIN

Alexandre Sequeira
UFPA

Resumo

O presente artigo busca analisar, a partir do conceito de ruína em Walter Benjamin, a relação entre a finitude de uma casa e sua transposição em valores humanos pela perda do sentido de proteção e resistência de quem por ela é acolhido. Para além de convenções sociais, interessa-nos analisar os estreitos vínculos entre abrigo e abrigado e o quanto o processo de ruína de um, implica em movimentos de superação do outro. Em que medida a concretude de salas e corredores, que numa relação simbiótica definem condutas dos corpos que ali se abrigaram, são capazes de operar por ocasião de sua falência, paradoxalmente, enquanto potência de libertação.

Palavras-chave:

Casa; Ruína; Alegoria; Superação.

Acordar não é de dentro.
Acordar é ter saída.

João Cabral de Melo Neto

Muitas são as recordações de ruínas que experimentamos ao longo da vida. Lembro, por exemplo, de gozar ainda criança das férias dos meses de janeiro e fevereiro em uma casa pertencente à minha família, situada no litoral do município de São João de Pirabas no estado do Pará.

A casa que, de tão acolhedora, recebia o nome de Fortaleza, fora edificada em uma ponta que conectava uma borda do litoral atlântico do estado com um pequeno braço de rio que dava entrada a uma vasta área de manguezal. A edificação de paredes sólidas e traços simples era contornada por uma generosa área gramada com muitos coqueiros, um farto cajueiro que espalhava seu tortuoso caule rente ao solo, uma mangueira que,

Abstract

Based on the concept of ruin formulated by Walter Benjamin, this article analyses relations between the finitude of a house and its transposition into human values by the loss of protection and resistance of those who are sheltered. Beyond social conventions, the article analyses connections between shelter and sheltered and how much the process of ruin implies overcome attitudes of the other. How does the concreteness of rooms and corridors that, in a symbiotic relationship, defines bodily behaviors, manage to operate at the time of its bankruptcy, paradoxically, as a liberating power for the sheltered being?

Keywords:

House; Ruin; Allegory; Overcoming.

de tão frondosa, suportava um balouço pendurado em seus galhos, um poço com um cata-vento que bombeava a água para suas dependências e, mais ao largo, uma faixa de areia branca banhada pelo mar. A generosa natureza daquele ponto isolado, cerca de duzentos quilômetros da capital do estado, era suficiente para que eu, minhas duas irmãs e minha mãe desfrutássemos de inesquecíveis momentos sem sentir falta do que, para alguns, se constituía em indispensáveis atrativos de uma infância feliz e que apenas os ambientes urbanos eram capazes de propiciar: a televisão, os cinemas ou as praças. Mas o que jamais poderia imaginar é que a Fortaleza de Pirabas reservasse, para além dos memoráveis dias da infância, tantos ensinamentos sobre as inexoráveis mudanças decorrentes da passagem do tempo, da mudança de ciclos e dos necessários movimentos de superação. Assim como grande parte das histórias familiares, os anos seguintes reservavam profundas transformações. A morte do



Figura 1 – A fortaleza de Pirabas. Autoria e data desconhecidos.
Fonte: Arquivo fotográfico da família Romariz.

avô na década de 1960 e a impossibilidade de arcar com os custos de manutenção da propriedade determinariam o início de duas décadas de abandono da casa. Na condição de único homem da família - já que, após a morte do avô restavam minha avó, minha mãe e minhas duas irmãs - coube a mim a missão de, por duas décadas, retornar com certa regularidade ao município de São João de Pirabas com a finalidade de apresentar a propriedade a possíveis compradores. Um tempo que me possibilitou acompanhar o declínio da casa que, exausta de tanto abandono, ganhava a cada nova visita a condição de ruína. Um lento e processual estado de apagamento adentrando cada compartimento, como que arrastando a casa ao encontro dos desígnios do tempo. Busco, pois, nesse artigo de natureza autobiográfica, a condição de um sujeito que, ao se auto referenciar, não se limita à afirmação da consciência de si, mas sim, partir de impressões de natureza pessoal em direção a dimensões coletivas, neste caso em particular, às relações do ser com a lembrança e,

inseparavelmente, o esquecimento. Uma rota que parte de anotações de natureza íntima e pessoal feitas numa dobra do calendário da vida, e toma como rumo uma expansão indefinida. Revisitar o fato tomando a casa como um corpo de imagens, é a forma que encontro para convertê-lo em um processo gerador de reflexões e, pelo exercício da linguagem, buscar alcançar metáforas capazes de converter os sentidos de proteção e de resistência por mim experimentados em um espaço único e comum a todos os seres: o espaço íntimo no mundo.

Partamos do caráter alegórico de ruína que Benjamin define como a presentificação do vivo no morto. Sentido esse que é tratado pelo autor em *Origem do Drama Barroco Alemão*¹, tomando como viés uma aproximação entre o pensamento vigente do período barroco e certa perspectiva de um historiador materialista. Para um melhor entendimento da lógica proposta pelo filósofo, faz-se necessário certa contextualização através da compreensão do momento histórico e

filosófico no qual é concebido o drama barroco, para então buscarmos alcançar a essência do que, para ele, vem a ser alegoria e sua implicação no entendimento de ruína. O mundo no referido momento histórico se vê imerso em uma atmosfera ameaçadora, de uma natureza pungente que se impõe na forma de catástrofes. Tal sentimento se justifica pela eliminação do sentido de transcendência ao preço de se secularizar a religião do século XVII em que, tanto a vida humana, quanto a sua salvação foram concebidos profanamente. Nesse sentido, certa imanência passa a eclipsar a história/destino que, esvaziada de toda a “força messiânica”, assume uma condição implacável e hostil.

A história é, pois, compreendida a partir de uma condição hegemônica da natureza, que dita sucessivos golpes sobre o vil ser até, por fim, abatê-lo pelo golpe final: a morte. Tal sentido de desamparo e resignação a desígnios metafísicos que se instaura sobre os indivíduos, nesse momento histórico, contribui sobremaneira para que se instaure uma política absolutista como possibilidade de uma estabilização profana, imanente, onde, pela figura do Príncipe, a ordem possa ser restaurada e a história recupere certa perspectiva terrena e evolutiva. Esse é o contexto no qual é gestado o drama barroco e que, segundo Benjamin, se traduz na expressão teatral por uma fisionomia alegórica na qual a natureza/história se faz presente invariavelmente enquanto ruína. Cabe salientar, também, que, muito provavelmente, Benjamin se debruça sobre o tema da ruína e do drama barroco na primeira metade do século XX, porque os fragmentos do mundo, em tal momento, lhe diziam muito. Por ocasião do referido estudo, o mundo vivia ainda os efeitos da Primeira Grande Guerra Mundial, protagonizada pela Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália) em oposição à Tríplice Entente (França, Reino Unido e Império Russo). O momento de fragilidade e vulnerabilidade da comunidade europeia parecia se apresentar como solo fértil para uma eventual reedição do modelo redentor por vias de um governo totalitário – o que viria se concretizar cerca de duas décadas depois (mas agora, não mais pelas mãos da figura do Príncipe), como tema de sua tese de livre-docência sobre o tema.

O certo é que a contribuição de Benjamin, quanto

ao assunto, embora não tendo sido devidamente compreendida pela academia alemã da época, se faz absolutamente pertinente ainda nos dias de hoje, dada sua capacidade de atualização por vias da alegoria da ruína. Sua relação com a história e com a natureza se dará, permanentemente, como a que se esfacela em múltiplas partes para se oferecer como precha de interpretações. Tal qual no Barroco, a alegoria (por própria sua natureza) sempre se presta à multiplicidade de significações. Pelas palavras do próprio autor, “na esfera da intenção alegórica, a imagem é fragmento, ruína. Sua beleza simbólica se evapora [...] o falso brilho de totalidade se extingue” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Nesse sentido, o caráter simbólico e totalitário de uma imagem de ruína se converte, pelo caráter lacunar dos fragmentos que a compõe, em multiplicidade de sentidos. É por sua condição incompleta, despedaçada e dialética que a ruína, em sua condição alegórica, se faz ambígua e múltipla de sentidos. Ao abrir mão de sua singularidade, a alegoria desata qualquer vínculo com episódios contextualizados, para se entregar a infinitas significações fora de seu contexto originário. E por sua estreita relação com certa essência de finitude e morte, a alegoria sempre se apresentará como plausível a evocar qualquer episódio de declínio que se apresente na história da humanidade. Como salienta Elane Abreu de Oliveira:

Ao lado de sua significação, está a morte, o sofrimento. Isso acontece porque, para significar um objeto, o alegorista o esvazia, retira seu “brilho”, transforma-o em ruína, para daí convertê-la em saber. Então, a morte é tanto o que permite construir a alegoria, como é o que nela é representado (OLIVEIRA, 2012, p. 04).

Elucidar os fundamentos do conceito de ruína ajuda-me a melhor refletir sobre sentimentos experimentados ao voltar à Fortaleza (mais velho e já na condição de universitário) e encontrá-la no mais completo abandono. O pretexto de apresentar a amigos de curso um local que guardava muitas memórias de meu tempo de criança era, em verdade, a forma por mim encontrada de não pensar sobre outros motivos duramente sufocados que, porventura, me levavam a revisitar aquele precha de memórias. Mesmo sem admitir, tinha ciência que parte de mim era movido, desta vez, por uma necessidade de cumprir um rito de libertação de determinados

sentimentos incômodos que nutria em relação à um de estado de suspensão de parte de minha história pessoal, e que aguardava há quase duas décadas por uma conclusão. Sabia o quanto reencontrar o lugar em ruína poderia representar já que, embora já sem mais serventia, a edificação estava intimamente entrelaçada à minha vida. Mas sabia, também, que, agora, pelo distanciamento que promove outros entendimentos, poderia, quem sabe, salvar essa parte de minha história das leis do destino que, por vezes, converte prazerosas recordações em amargas lembranças. Mesmo sem ter total consciência, a simples impossibilidade de recuperar o momento vivido, fazia com que a casa abandonada se oferecesse a mim agora, como uma alegoria de ruína, enquanto promessa de outros sentidos.

Ruína e história, em Benjamin, estão intimamente entrelaçadas. Sensorialmente, como ruína, a história se funde com o cenário de inevitável declínio. Tal qual na concepção barroca, temos uma valorização evidente dos fragmentos como princípio construtivo. Ruínas e fragmentos criam, constroem alegorias. Nesse gesto de criação, a alegoria revela sua face violenta, pois extrai do fluxo da história/destino um fragmento de atemporalidade. Assim, a violência carrega um sentido que pode ser considerado como positivo, pois quer redimir pelo conhecimento. Como tal, o que tenho agora não é mais o momento vivido - posto que esse retorno é impossível - cabendo então alcançar, por vias da alegoria, o entendimento das linhas de força que justificam seu estado de abandono no presente. Não cabe mais pensar *no que foi*, mas sim, *no que é* agora.

Enquanto meus amigos armavam a barraca de camping que nos abrigaria na grama que circunda a velha casa, me permiti uma incursão solitária por espaços que conhecia muito bem. Embora deteriorada, a casa guardava ainda vestígios de seu tempo de prosperidade e eu, por tê-la impressa em mim, sabia tudo, sentia tudo e, a cada passo, rememorava vividamente todos os valores de intimidade. Regamos uma casa com marcas de acontecimentos como se faz com uma planta. Aqueles ambientes que acolheram tantos momentos vividos, definiram condutas no corpo que, percorrendo-os anos depois, insistia em se deslocar pelo espaço vazio num traçado que desviava de móveis que há décadas não ocupavam

mais o lugar. Curiosa sensação de experimentar não apenas uma edificação em processo de falência, mas o próprio tempo a desmoronar. Dos vãos da alvenaria pendiam ainda pedaços de esquadria de janela que promoviam em flashes a imagem de nossa correria para cerrá-las sempre que uma chuva repentina nos surpreendia; o piso de ladrilho hidráulico com estampas cor de vinho ainda presente em algumas partes, me fazia rememorar de quando rolávamos pelo chão em alegria sempre que minha mãe nos entretinha (a mim e minhas irmãs) com um teatro de sombras projetadas pela lamparina em um lençol esticado na sala; e, em algumas partes da parede, a cor da tinta que ainda resistia ao desgaste das intempéries, evocava luzes fugidias de devaneio que iluminavam a síntese de momentos com a lembrança redefinida por novos contornos. Como salienta Gaston Bachelard:

Qualquer que seja a afetividade que matize um espaço, mesmo que seja triste ou pesada, assim que é expressa, se modera, o peso se alivia. Por ser um espaço poético expresso, esse sentimento adquire valores de expansão (BACHELARD, 1993, p. 206).

Mas nem sempre o exercício de rememorar se faz de modo prazeroso. Por vezes, o peso da recordação ata nossos pés, atuando como algo que se opõe à vontade de alçar voo. Porém, mesmo sem nos dar conta, o simples impulso de evocar sentimentos passados transpondo-os em linguagem, se converte, por si só, numa via de emancipação. Não há conciliação possível entre qualquer depoimento e o fato a qual se refere. Qualquer narração funda uma temporalidade que, a cada repetição e a cada variante, torna a se atualizar. Um movimento que arrasta os resquícios do que ainda pode ser considerado fidedigno ao acontecido, rumo às inexoráveis transformações promovidas pelo exercício de evocar e retransmitir. Movimento de marés que leva o que estava na praia e o substitui por outros que o incessante fluxo das correntes marinhas traz consigo. Por fim, diante de certa sensação de desconforto causado pelo esforço de rememoração, decido seguir ao encontro de meus amigos e ajudá-los na construção da barraca de camping que, na condição de novo abrigo, inaugura uma nova relação que, a partir de então, passo a estabelecer com o lugar.

Gostaria de partir do movimento concreto de distanciamento e da decisão de passar a

observar a casa em ruína por um outro ponto de vista, para abordar o que considero um processo emancipatório em relação à atitude de rememoração - não como atitude de negação, mas sim, enquanto nova forma de interpretação. Nesse sentido, parto de uma análise da construção alegórica da ruína e sua perspectiva lacunar a partir do conceito de rastro - que buscamos aqui interpretar a partir de Jaime Ginzburg - para, por fim, tratar de certa crise entre o sujeito e a experiência que se reflete em testemunhos de memória - crise essa sinalizada desde Walter Benjamin, ainda nas primeiras décadas do século XX, diante do emudecimento dos indivíduos que retornavam do front da 1ª Guerra Mundial - e atualizada neste artigo pelas considerações de Beatriz Sarlo, quanto à impossibilidade de uma conciliação entre um horizonte utópico de narração da experiência e um horizonte utópico de memória.

Tentar recobrar momentos vividos na velha casa não se constitui numa tarefa fácil. Muito tempo se passou desde os tempos de acolhimento, restando apenas vagas imagens que emergem a partir de uma colagem de fragmentos, partes nem sempre consonantes de um todo que tampouco somos capazes de garantir sua efetiva aparência com sua origem. A estampa do ladrilho hidráulico que reveste o piso, um resquício de cor da parede, vultos de pessoas, sombras projetadas em um lençol esticado, um cheiro de querosene que alimentava a chama da lamparina, enfim, rastros que gravitam entre a ilusão de uma miragem e o que ainda resta de concreto. Na tradição filosófica e historiográfica, o conceito de rastro é caracterizado por uma complexidade paradoxal, descrito por Gagnebin como:

Presença de uma ausência e ausência de uma presença que existe somente em razão de sua fragilidade. Ele é rastro porque está sempre ameaçado de ser apagado ou de não ser mais reconhecido como signo de algo que assinala (GAGNEBIN, 2012, p. 27).

Tomamos como ponto de partida certo dilema diante do qual Benjamin se confronta em seus estudos - tanto numa perspectiva metafísica quanto sociológica -, no que diz respeito a capacidade do homem de estabelecer uma relação de correspondência direta entre suas percepções e o modo como as transmite através

da linguagem. O autor constrói uma epistemologia a partir do reconhecimento de certa equivalência e consonância entre a capacidade da percepção humana de observar cada objeto, ou situação como potência de diversos significados e a própria constituição da linguagem que, por sua faculdade mimética, se oferece naturalmente como algo para além de qualquer percepção imediata. Benjamin associa tal propriedade de clarividência com a capacidade do astrólogo de, ao observar o cosmos, compreendê-lo tanto por uma apreensão direta quanto enquanto campo cifrado e figurativo que diz respeito a consequentes mudanças na terra². Certa perspectiva que, para além de questionar a capacidade da linguagem para se referir às coisas do mundo, nos lança ao desafio de compreender a real dimensão do ato de narrar. Um convite a percorrer os meandros de um processo de mediação entre perdas e atualizações que lançam mão da ausência enquanto saber de movimentos propositivos.

Por essa lógica, não há uma memória, mas sim, memórias que se instauram no presente por intermédio de enunciados que as evocam e, sempre que acionadas, instauram um movimento de expansão. De certo modo, a epistemologia benjaminiana se constrói a partir de uma articulação entre destruição e construção, negatividade e afirmação na medida em que compreende memória e esquecimento enquanto ato performativo; o esquecer e o lembrar como algo provisório e da ordem do ato. Não há nada do mundo - nem no passado ou tampouco no presente - que encontre na linguagem uma conciliação. Mesmo ao escapar da velha casa e seguir ao encontro de meus amigos, só consigo me referir ao vento que chega do mar pela forma como o sinto tocando meu rosto ou pelo que por ele se deixa mover. É da nossa natureza habitar o mundo poeticamente e, habitá-lo poeticamente, é compreender a vida como um exercício de construção permanente de um sentido profundo que diz respeito à qualidade dessa presença.

Consideremos, então, o que nos é possível resgatar ainda de lampejos de um passado como fragmentos substanciosos - ora nos incitando a alcançar um sentido literal, ora nos sugerindo peripécias - mas que, aproveitados por nossas mentes elaboradoras, tornam-se válidos para a crônica de nossa existência que reescrevemos

permanentemente ao longo da vida. Narrativa que se faz de parcelas de argumentos quase esquecidos nas dobras do tempo que surgem sem ordem temporal, de maneira a tramar, com uma nova limpidez, outra lógica para antigas crônicas que buscamos atualizar no aqui e agora. Poderíamos, numa analogia, considerar o rastro como uma letra de um alfabeto que, embora guarde seu valor intrínseco, em uma nova ordenação junto a outras letras, pode contribuir para gerar diferentes fonemas que, articulados a outros, gera infinitas narrativas. Um movimento decorrente da própria natureza do rastro que oscila entre uma força de manutenção de certa sintaxe, que preserva a marca de sua passagem e, no contra fluxo, num impulso de apagar os vestígios que o identificam. Invariavelmente, o rastro decompõe a ordem do mundo e converte a memória em algo que, em vez de reter e imobilizar, liberta na medida em que se renova permanentemente.

A noite chega e, reunidos em torno de uma fogueira, eu e meus amigos desfrutamos juntos do prazer de rememorar momentos experimentados juntos ou na vivência particular de cada um. No meu caso, pelo próprio contexto, torna-se inevitável a rememoração de acontecimentos que experimentei ali décadas atrás. Para além dos rostos curiosos iluminados pelas labaredas do fogo, sinto ser também observado silenciosamente por uma outra audiência que, em verdade, é cúmplice desses acontecimentos. Com a discrição e a sapiência dos mais velhos, mais ao fundo e na penumbra, a silhueta da velha casa acompanha minhas peripécias em elaborar uma narrativa que, por entre hipérboles e eufemismos, cuidadosamente desvia de irregularidades de um terreno que, sob uma grama aparentemente lisa e ordenada, assinala algo do passado que foi ali esquecido e intencionalmente soterrado. A velha casa parece saber de cada palmo de terra a seu redor, mas, ciente da importância de se manter presente na memória de outrem - mesmo que por meio de reinterpretações substanciais - autoriza e referenda minha atualização com seu silêncio. Ou, quem sabe, a anuência a meu relato se dê pela constatação de que ela permanece presente nas entrelinhas do relato inquieto, como um relampejo que ilumina cada pausa, cada mudança de entonação do desenvolvimento pretensamente natural da narrativa. Mesmo aquele que busca

apagar seus rastros, no cuidado de realizar o necessário desvio da incômoda recordação, gera uma série de outros rastros que guardam ainda resquícios de sua matriz original. Cabe ao observador atento e perspicaz, ao reconhecer os desvios, perseguir os fragmentos capazes de recompor, mesmo que em parte, o todo que, em vão, se busca encobrir.

Mas o que pode parecer como um artigo que se opõe aos vínculos entre memória e conservação que, de certo modo, sustentam um sentido dominante de história, nossa abordagem busca, em verdade, alcançar um outro sentido, enquanto movimento que permite a apreensão do passado pelo presente. Para além da ideia de imagens do passado, encerradas numa única constatação, cremos que, apesar de parecer imutável por sua condição de algo que já aconteceu, tais figuras do passado se mantêm ainda suscetíveis (contra o conformismo da tradição) às ações naturais do tempo, na medida em que perduram pela memória no presente. Justo por sua atualização por vias da natureza fluida e mutante da narração e a consequente dispersão de sentido, a humanidade é capaz de apropriar-se criticamente dessas imagens de memória e promover um permanente processo de reelaboração do passado no presente. Como salienta Beatriz Sarlo, "a narração também funda uma temporalidade que, a cada repetição e a cada variante, volta a se atualizar" (SARLO, 2007, p. 25).

Buscamos, pois, um entendimento edificante para essa dispersão de sentidos pelos desvios de uma narrativa do passado no pensamento de Benjamin - em especial, em várias passagens das *Teses*³ - que reivindica certa noção positiva de esquecimento ao recusar a concepção de memória do passado como uma espécie de eterna repetência onde, em verdade, a meta não é a fidelidade ao passado, mas uma infidelidade ao presente. O filósofo elabora ao longo de toda sua produção teórica um sentido mais essencial que liga a história e a linguagem dos homens à morte, entendendo tal movimento como resposta ativa aos apelos do presente e às promessas do futuro. Benjamin alude a essa força de superação lançando mão de uma bela metáfora de um "rio que deve romper a barragem do sofrimento para chegar ao mar" (BENJAMIN, 1987). Em vez de uma mera negação da necessidade de preservação de um passado nos arquivos e bibliotecas da

memória, seu pensamento associa a esse gesto essencial - e não menos importante - de um impulso anárquico e libertador da humanidade de cerzir por múltiplas palavras uma narrativa que desata os nós da dor e retoma o passado por uma fidelidade transformadora do presente. A partir de uma tradição estética e filosófica contida na teoria de Marcel Proust (1871-1922) e na *Poética* de Aristóteles (384-322 a.C.) (esta segunda, no que diz respeito à *mimesis*), Benjamin lança mão de um entendimento de *logos* - em seu sentido pleno de linguagem e pensamento - enquanto reconhecimento ativo de similitudes e produção de imagens⁴. É por numa narrativa que parece se fazer por si mesma, num movimento de elaboração do pensamento na e pela linguagem, que se subverte o ordenamento totalizante do discurso hegemônico do passado e se abrem fraturas capazes de acolher possíveis imagens de recalque ou mesmo falas excluídas. Um paradoxo que, segundo Gagnebin (2013), nos ajuda a perceber que "o verdadeiro objeto da lembrança e da rememoração não é, simplesmente, a particularidade de um acontecimento, mas aquilo que, nele, é criação específica, promessa do inaudito, emergência do novo" (p. 105).

Como possibilidade de tratar da possibilidade de visitar a dor da memória como movimento de superação, Benjamin lança mão do termo *Vergängnis* ("deperhecimento"). A noção da palavra - contida em seu texto *Fragmento Teológico-Político*⁵ - é fundamental para compreendermos sua doutrina da alegoria e, igualmente, sua teoria de uma crítica redentora⁶. Nelas, Benjamin lança mão do termo *depercimento* como algo que orienta a busca da felicidade aqui e agora. Benjamin busca lançar luzes sobre a estreita relação que reina entre o binômio tempo/morte convertido em perecer/linguagem ou felicidade/depercimento, lançando luzes sobre certa força centrífuga inscrita na nossa linguagem e na nossa história que busca salvar fragmentos substanciais da memória, dissociando-os de um discurso totalizante estabelecido. Cisão tanto profana quanto política para uma história que, segundo Gagnebin:

Só pode ser verdadeira narração e verdadeiro advir, se nossos atos e nossas palavras forem penetrados pela finitude e pelo depercimento, portanto, preciosamente únicos, insubstituíveis, atuais, sem consolo da imortalidade (GAGNEBIN, 2013, p. 95).

Sem a pretensão de promover um aprofundamento na questão, porém atentos ao motivo que nos move a desenvolver esse breve texto, consideramos imprescindível fazer alusão ao pensamento de Benjamin que, nem reverencia um saber histórico pautado por uma perpetuação de referências imutáveis, como tampouco valoriza um espontaneísmo ingênuo do que a história nos oferece como legado. Em verdade, Benjamin insiste na necessidade de uma atitude consciente e crítica do poder de uma narrativa que se refere ao passado, mas que também é escrita do presente e para o presente. Um fluxo que se estabelece numa via de mão dupla, rompendo com argumentos previsíveis e hegemônicos e instaurando instantes e instâncias de salvação - mesmo que, também, provisórias.

Os dias de convívio com meus amigos de colégio no litoral de São João de Pirabas reforçaram nossos laços de amizade e parceria. A distância de tudo que a cidade grande promove de dispersão, nos propiciou o tempo necessário para percebermos, entre relatos e silêncios partilhados, os pequenos conflitos que animam a vida de cada um de nós: conquistas e derrotas, alegrias e frustrações, desejos e temores. Em uma das noites passadas naquele idílico e apartado recorte de mundo, nos desafiámos a adentrar na ruína da casa para nos deitar em parte dos ladrilhos que ainda restavam no piso do espaço que um dia foi a sala. Com os corpos estirados lado-a-lado, entregamo-nos a observar em silêncio o céu estrelado que se revelava para além da velha estrutura de madeira que um dia sustentou o telhado da casa. A inexistência de qualquer luz artificial em quilômetros de distância, fazia com que o firmamento se apresentasse de um modo absolutamente mágico. Além da infinidade de estrelas que cintilavam em diferentes intensidades, era possível visualizar também manchas esbranquiçadas de nebulosas que manchavam o negro feito uma aquarela esbranquiçada. Um de nós pontuou que, alguns daqueles pontos luminosos que admirávamos, diziam respeito a corpos celestes que, talvez, sequer existissem mais, mas que, como que preservados por um longo tempo em suspensão, ainda persistiam enquanto promessa de presença. Decidimos que cada um escolheria um desses pontos luminosos e discorreria sobre suas prováveis características específicas: sua dimensão, seu relevo, sua

temperatura ou mesmo a composição de seu solo. Cada relato era acompanhado por todos com a atenção e o respeito do que se coloca para além da capacidade de sequer duvidar. Uma dinâmica que se instaurava numa suspensão de certezas e que, justo por essa condição, ameaçava nossas frágeis garantias ao reivindicar verdades que dependiam tão somente de palavras como instrumento de sustentação. Porém, algo se apresentava como uma verdade inquestionável: a certeza de existência de infinitos mundos, habitáveis ou não, para além de cada um daqueles pontos luminosos no firmamento.

Sabia dos desafios que aqueles dias na Fortaleza poderiam me reservar, considerando que seria inevitável expor aos meus amigos uma parcela de minha vida fadada à ruína - parcela essa que mesmo eu ainda não tinha conseguido processar muito bem. Porém, o que não poderia imaginar era que, justo aquela brincadeira aparentemente descompromissada de conjecturar sobre o que se oferecia no firmamento, fosse capaz de me revelar que, para além dos parcos limites de um teto protetor, havia uma porta de saída para um incomensurável campo de “sem-expressão”, de verdades ainda “por serem ditas” e que, cumprindo o mesmo gesto destrutor e salvador, se oferecia como possibilidade de atribuir algum sentido a tudo o que ficou para trás, como também a tudo o que ainda estava por vir.

NOTAS

01. Obra escrita por Walter Benjamin em 1923 como tese de Livre Docência. No Brasil o estudo foi publicado pela Editora Brasiliense em 1984.

02. O autor estabelece esta comparação em seu texto A doutrina das semelhanças, em *Magia e técnica, arte política*. São Paulo, Brasiliense (1985, p. 112-113), *Obras escolhidas*, v. I.

03. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In *Walter Benjamin – Obras escolhidas*. Vol. 1. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

04. Tais contribuições ao pensamento de Benjamin são analisadas por Jeanne Marie Gagnebin no capítulo *História e cesura*, p.106. In: *História*

e *Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

05. In: [http://rae.com.pt/Caderno_wb_2010/Benjamin%20Fragmento%20Teologico-pol%EDtico%20\(Barrento\).pdf](http://rae.com.pt/Caderno_wb_2010/Benjamin%20Fragmento%20Teologico-pol%EDtico%20(Barrento).pdf)

06. A Teoria de uma crítica Redentora é analisada por Georges Steiner In: https://archive.org/stream/SteinerGeorge_201504/Steiner%2C%20George%20-%20After%20Babel%20%28Oxford%2C%201975%29_djvu.txt como também por Gagnebin (2013) no capítulo 5. *História e Cesura*.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi; Revisão de tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENJAMIN, Walter **Obras Escolhidas. Vol 2. Imagens de Pensamento**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. São Paulo: Autêntica, 2018.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. Origem do drama barroco alemão. In: *Magia e Técnica, Arte e Política. Obras escolhidas*. Volume 1. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Fragmento Teológico-Político**. Disponível em: [http://rae.com.pt/Caderno_wb_2010/Benjamin%20Fragmento%20Teologico-pol%EDtico%20\(Barrento\).pdf](http://rae.com.pt/Caderno_wb_2010/Benjamin%20Fragmento%20Teologico-pol%EDtico%20(Barrento).pdf) Acesso em: 22. jun.2018

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. In: **Walter Benjamin: rastro, aura e história** / Sabrina Sedlmayer, Jaime Ginzburg (Org.) - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GINZBURG, Jaime. A interpretação do rastro em Walter Benjamin. In: **Walter Benjamin: rastro, aura**

e história / Sabrina Sedlmayer, Jaime Ginzburg (orgs) - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

OLIVEIRA, Elane Abreu de. A ruína e a força histórico-destrutiva dos fragmentos em Walter Benjamin. *Cadernos Walter Benjamin*, N. 9, Jul. a Dez. 2012. Disponível em: http://www.gewebe.com.br/pdf/cad09/Elane_Abreu.pdf . Acesso em 04. abr.2018.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

STEINER, Georges. **After Babel.** Oxford: University Press, 1976. Disponível em: https://archive.org/stream/SteinerGeorge_201504/Steiner%2C%20George%20-%20After%20Babel%20%28Oxford%2C%201975%29_djvu.txt. Acesso em: 21. jun. 2018]

SOBRE O AUTOR

Alexandre Romariz Sequeira é graduado em Arquitetura (1985), Especialista em Semiótica e Artes Visuais (2007) pela Universidade Federal do Pará, Mestre em Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010), e Doutorado em Arte também pela Universidade Federal de Minas Gerais (2020). É professor da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará e tem experiência na área de Artes, com ênfase em Fotografia e Arte Contemporânea.